Officina de composição e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Christo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 423

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

PRINCIPIOS

João Jaurés, respondendo a algumas das criticas feitas ás discussões travadas no congresso socialista de Stuttgart sobre a questão anti-militarista, escreve que duvidar constantemente das conquistas democraticas é fazer obra de verdadeira reacção. Precisamente o que nós temos escripto aqui cem vezes a proposito da... *moquerie, sincère ou affectée*, como diz Jaurés, do sr. Brito Camacho e outros.

Obra de reacção, de profunda reacção. Obra cem vezes mais reacção, e mais perigosamente reacção, que a dos mais ferreiros reacção. Porque o reacção, por mais adeptos que atraia, por mais terreno que conquiste, por maiores embaraços que levante á marcha da democracia, não consegue, ao menos, desmoralizar com a sua acção abertamente, e, portanto, lealmente adversaria, o exercicio democratico. Ao passo que escarnecer dos *immortales principios*, zombar das tentativas feitas no sentido da emancipação da mulher, da paz geral e d'outras grandes aspirações humanitarias, estabelecer a cada momento a hypothese de que a republica não poderá resolver satisfactoriamente o problema religioso, ou qualquer dos mais graves problemas do programma republicano, sendo ou dizendo-se republicano o auctor de tão funesta propaganda, é desmoralizar o exercicio democratico e, por conseguinte, fazer, consciante ou inconscientemente, a peor de todas as obras, que é a obra da traição.

Temo lo dicto muitas vezes e não cessaremos de o dizer. Embora com pouco proveito n'um paiz onde não ha pensadores, e onde os homens que melhor escrevem não passam de *janotinhos das letras*, sem merecerem nobremente, honrada mente, o nome d'escriptores.

Vous vous êtes très embourgeoisés, dizia Hervé no congresso de Stuttgart ao *kaiser* Bebel e ao *papa* Guesde como elle lhes chamou. E se as theorias extremas de Hervé são perigosas, pelo menos em relação ao momento actual, não é menos perigoso o *embourgeoisamento* excessivo dos porta-estandartes da democracia universal.

Fomos nós o primeiro, se não estamos em erro, e não estamos, a combater em Portugal o *radicalismo* das doutrinas de Hervé. Não estamos ainda em condições de passar tábua rasa sobre a idéa de patria. A França não pôde desarmar deante da Alemanha e da Russia, hoje sua aliada, amanhã talvez aliada da Alemanha, outoraticas, inimigas da democracia, e profundamente militarizadas. Faze-lo seria um erro. Mas não ha duvida nenhuma, nenhuma! de que o patriotismo arvorado em religião é uma das grandes pestes da humanidade. D'essa religião, tão perigosa como todas as religiões, com o fanatismo, a idolatria, o preconceito de todas ellas, teem derivado mil guerras, mil perturbações, mil embaraços e desordens de toda a especie. Sabe quem estuda que a maior parte das guerras teem resultado muito mais do orgulho, da vaidade, do odio fanatico d'essa religião sagrada do patriotismo do que de verdadeiros antagonismos de interesses entre os povos.

Não ha duvida nenhuma tambem de que emquanto pesar sobre

o mundo esta paz armada que nos esmaga não ha liberdade, não ha emancipação possivel. E combater a paz armada, e fazer propaganda contra o militarismo não é dizer: «isto é mau, mas se amanhã fôr preciso marchar contra a França, marcharemos.»

Si la guerre éclatuit entre la France et l'Allemagne et que votre gouvernement repoussât l'arbitrage, que feriez vous? Répondez sans métaphysique. Assim interpellava Hervé os allemães. Supponhamos que a França estava cheia de justiça. Supponhamos que a França aceitava a arbitragem. Não a aceitava a Alemanha, que não tinha justiça. O que faziam os socialistas allemães, que no congresso de Stuttgart admittiram *a priori*, como não podiam deixar de admittir, o principio da arbitragem?

Não se pôdem tirar das doutrinas de Hervé as conclusões absolutas que o seu auctor pretende. O problema joga com dados de occasião que não é possivel pôr de lado. Mas é forçoso reconhecer que o fundo da doutrina é bom, e que Hervé, podendo ser pouco pratico, é contudo coherente. Ser pacifista e exaltar tudo aquillo que conduz á guerra, ser partidario da mais larga emancipação e defender todo o despotismo sobre que repousa o militarismo, ser humanitario e fazer do patriotismo uma religião, estreita, intolerante, feroz, como todas as religiões, uma religião que exclue todo o espirito de humanidade, de solidariedade, é sophismar, fazer obra de charlatanie, mentir á razão e á verdade.

Bem sabemos que ha diferenças entre os povos. Diferenças de lingua, de temperamento, d'educação. Bem sabemos que d'essas e d'outras diferenças resulta heterogeneidade de processos. Mas nenhuma diferença de lingua, de historia, ou de temperamento impõe diferença de razão. Por mais que os temperamentos, as educações, os meios, façam divergir os pontos de vista, o fundo da razão e da verdade subsiste em toda a parte sempre o mesmo. E o que a razão e a verdade nos dizem, a nós, homens cultos do seculo vinte, é que o interesse da patria não pôde, nem deve, sobrepôr-se ao interesse da humanidade. Não pôde, nem deve, por interesse da propria patria. Não é só theoreticamente que está diffandido o principio do internacionalismo. E' praticamente tambem, nas relações commerciaes, industriaes, intellectuaes, de toda a ordem. E' já impossivel, e se-lo-ha cada vez mais, considerar um povo independente dos outros povos.

Materialmente, e moralmente tambem. Censura-se a Hervé a fórmula abstracta da sua doutrina. Não ha duvida. Para que a doutrina de Hervé seja possivel é indispensavel o nivelamento da civilização nos paizes dirigentes do mundo, ou da Europa, pelo menos. D'outra fórmula ficaria o paiz avançado á mercê do mais atrasado. Di-lo ha muito tempo, desde que a propaganda de Hervé começou, o auctor d'estas linhas. Mas nem por isso se deve cahir na meia reacção que Bebel e Vollmar demonstraram no congresso de Stuttgart. Mal por mal, antes Hervé, animado d'um largo espirito de humanidade, caminhando para o futuro, embora lhe chamem lunatico, do que Bebel a fazer a apologia dos preconceitos de nacio-

nalidade. O estado maior allemão seguirá com *sympathia*, como disse Bebel, a propaganda de Hervé. Simplesmente Bebel se esqueceu de que essa *sympathia* resulta muito mais da attitude dos socialistas allemães em face de Hervé e de numerosos socialistas que o seguem em França, do que propriamente da doutrina de Hervé. Fosse essa doutrina a doutrina tambem dos socialistas allemães e vêr-se-hia como desaparecia depressa a *sympathia* do estado maior allemão.

E tanto é Hervé quem está na logica dos principios, apezar de já lhe chamarem tambem *illogico*, como lhe chamava Bougle n'um artigo publicado n'um jornal francez, que foi o proprio Bebel quem, por fim, introduziu na celebre moção contra o militarismo, votada por unanimidade pelo congresso, o paragrafo mais importante, o paragrafo final, aquelle que diz: «No caso da guerra rebenar, é dever de todos os proletarios intervir para a fazer cessar promptamente e utilizar com todas as suas forças a crise economica e politica creada pela guerra para agitar as camadas populares as mais profundas e precipitar a queda da dominação capitalista.»

Isto é sério e não tem já nada de platonico. Ninguem, dos que sabem ver e estudam, duvida já de que a rebenar a guerra entre a França e a Alemanha o paiz vencido terá de se haver com uma formidavel insurreição popular. E basta esse facto para fazer pensar um pouco os dirigentes politicos antes da declaração da guerra.

A doutrina unilateral e demasiado simplista de Hervé tem perigos, em relação ás circumstancias da Europa, ou dada a diferença de progresso politico em que se encontram os varios povos. Contudo, á tenacidade d'esse homem se deve o problema anti-militarismo não ser de todo uma mentira, o começar a valer alguma coisa.

De philosophos de borrarho, de charlatães, de especuladores, que fazem o contrario do que prégam, ou que prégam hoje o contrario do que prégaram hontem, estamos nós fartos. Bem vindos sejam, pois, os homens que, no meio dos seus exageros ou desvarios, tenham a grande virtude de afirmar e defender resolutamente os grandes principios de liberdade, de egualdade, de solidariedade, lançando á terra as boas sementes que o tempo fará germinar.

Diploma de honra

Conforme noticiámos em o nosso ultimo numero, achase em exposição na tabacaria «Havaneza» aos Arcos, para ser entregue por estes dias, ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, o diploma de socio benemerito, que a «Sociedade Recreio Artístico» encomendou no Porto ao nosso patricio sr. José d'Azevedo Leite Junior, habil cizelador e gravador.

Tem ido muita gente á tabacaria «Havaneza» apreciar tão soberbo trabalho, tecendo todos com palavras de encomios os mais rasgados elogios ao distincto artista, como uma obra importantissima que é, que revela um grande estudo, alta competencia e um grande saber.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete—«A OSMOND»

OPINIÕES

LUZ! MUITA LUZ!

Fala-se muito, fala-se de mais; actua-se pouco, actua-se de menos.

A falar todos são sábios, a fazer poucos são racionais. Todos dizem que é preciso educar, que é preciso introduzir a luz no cérebro dos ignorantes; nenhum instrue nem pensa em instruir, nem educa nem pensa em educar, todos, com as suas vãs cantigas e rhetoricas improductivas, não fazem mais que agregar aos ignorantes a qualidade de idiotas. E, na verdade, nada ha peor do que a ignorancia idiotizada. Nada mais petulante e nocivo do que um néscio a dar sentenças, com pretenções a sábio.

E' o paiz da incoherencia e da mentira.

Os que prégam a instrução, a educação, o levantamento do nivel intellectual do paiz, não instruem, não educam, não procuram, de fórmula alguma, impôr-se por actos á consideração de todos!

Os que se dizem livres-pensadores, os que gritam contra a religião, casam catholicamente, baptisam depois os filhos catholicamente e casam-nos, por ultimo, catholicamente!

Os anti-duellistas, os que gritam contra o duello chamando-lhe muitos nomes feios, são os primeiros a baterem-se, tremendo, vacillando e recuando perante o preconceito que ruge feroz de Norte a Sul do paiz. Têm medo, submettem-se e batem-se logo que a primeira occasião se suscita!

Assim succede, assim succederá, emquanto os moralisadores não deixarem de ser immoraes e os apóstolos da instrução não começarem a instruir, não se resolverem a exercer a nobre função de mestre-escola ligando ás palavras o exemplo.

Emquanto fôr só *paróla*, tudo continuará na mesma por mais que préguem, quer falando, quer escrevendo.

No estrangeiro, os particulares excedem muitas vezes o Estado na propaganda da instrução, creando escolas, dando doações a Universidades, fundando bibliothecas publicas, emfim, empregando todos os meios de fazer recuar o analfabetismo.

Em Portugal, os *intellectuaes* riem-se quando um homem se preoccupa com a destruição dos analfabetos, despreziam João de Deus como pedagogo e elevam-no ás nuvens como poeta!

E de tal forma está deseducado e embrutecido o nosso publico que, quando um jornal trata

assumptos geraes e da mais alta importancia, discutindo idéas e ventilando os mais nobres principios, já lhe não agrada e já se não sustenta. O que o nosso publico gosta é de ouvir insultar o rei, dizer que é necessaria a revolução, que é preciso fazê-la, que a Republica é a paz, a harmonia, a felicidade e que a *patria marcha a passos agigantados para o abysmo!* Quer ouvir chamar ladrão a este, casmurro áquelle; e quando se lhe objecta que não é assim que se faz propaganda, que do insulto se não tiram resultados praticos, responde que quer ouvir dizer as coisas pelo seu nome, que assim é que é, que os outros são os moderados e elle não quer moderações.

Coitado! E, como um rebanho, ali vae, sem instrução, sem educação, sem consciencia; sem saber para onde o levam nem que tencionam fazer-lhe, arrastado por habilidades politicas, afastando-se dum precipicio para ir, talvez, cair noutro.

Os liberaes portuguezes de 1820 começaram por dar a Portugal as leis dos povos mais adeantados sem que o paiz estivesse preparado para recebê-las. Depois da revolução liberal de 1820 deram á nação a constituição de 22 inspirada nas idéas da Revolução Francêsa de 1789, nas constituições francêsas de 91, 93 e 95, e sobretudo, porque ao fazerem a nossa a tiveram sempre deante dos olhos, na constituição hespanhola de 1812, vulgarmente conhecida por Constituição de Cádiz. (Trindade Coelho, *Manual Politico*, pag. 199). Ao povo portuguez que acabava de soffrer todas as represalias sob o regimen de D. Miguel, que vinha da escuridão, do absolutismo, passando sem transição para um regimen rasgadoamente liberal, —para o tempo, é claro—aconteceu o mesmo que succede a um individuo que, acostumado a viver nas trévas, na escuridão, sem uma réstea de luz, depára, repentinamente, com a claridade offuscante do sol—cegou.

Mas se os liberaes de 1820 que, salvo dois ou tres entre os quaes avulta Passos Manuel, em vez de se limitarem a fazer a revolução fossem instruindo e preparando o povo para o advento das leis liberaes que iam promulgando, a revolução teria sido utilissima e a constituição que, salvo o ponto de vista religioso, era de grande alcance social, não haveria baqueado para dar lugar mais tarde á carta de 26 ainda hoje em vigor, que, limitando as transformações sociaes ás classes médias ou burquezas (proprietários, capitalistas e let-

trados) conformes com o egoísmo das classes superiores em disfructarem uma ordem apparente, era o apoio de todo o obsecado conservantismo. Pretendendo desconhecer o seu carácter transitorio, o regimen liberal tornou-se uma burla, uma exploração, a que na propria Inglaterra se chamou a hypocrisia das fórmulas, e que Stuart Mill denominou a *Pedantocracia* pela preponderancia do banal doutrinarismo da classe média dos letrados, magistrados, professores e jornalistas, na prática dos sophismas politicos.» (Theophilo Braga, *Garrett e os Dramas romanticos*).

Pois hoje, fala-se a toda a hora em Republica para salvar o país. Mas, ao mesmo tempo, o povo não faz idéa do que isso seja. Se qualquer dia fizer a Revolução, será sem consciencia do acto praticado, julgando a Republica um paraizo quando não é mais que um passo andado para a perfectibilidade humana.

HOMEM CRISTO, Filho.

José Dias Ferreira

Falleceu em Vidago victimado por uma congestão cerebral, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que era considerado o primeiro jurisconsulto portuguez. Representou por muitos annos em côrtes o circulo d'Aveiro.

DESCANÇO SEMANAL

Publicamos em seguida uma representação, que numerosos negociantes e caixeiros d'esta cidade de Aveiro acabam de dirigir ao sr. ministro do reino.

Como n'ella se expõe, o sr. governador civil do districto não interpretou a lei devidamente ao decretar a fórmula do descanso semanal. E sem duvida que o sr. governador civil teria procedido d'outra fórmula sem a pressão e a má informação d'alguns apaniguados.

Logo que se publicou o decreto sobre o descanso semanal, o sr. presidente da direcção da Associação Commercial convidou os socios para uma reunião que teve lugar nas salas do edificio onde funciona a mesma associação. Reunidos os socios, resolveu-se por grande maioria que fosse escolhido o domingo para dia de descanso semanal.

Dias depois reunia-se novamente, a pedido d'alguns socios, a assembleia geral da Associação a fim de ser discutida uma representação para que o domingo, já escolhido, fosse o dia destinado ao descanso semanal, não só na cidade, como em todo o districto de Aveiro.

N'esta altura, os apaniguados, movidos pelo interesse mesquinho, proclamando a queda desastrosa do commercio de Aveiro se as lojas estivessem fechadas no domingo de manhã, promoveram uma representação de classe, a que chamaram dos mercieiros, pedindo ao sr. governador civil que determinasse o descanso a começar no domingo ao meio dia e a terminar no meio dia da segunda-feira immediata.

Sobre este unico documento resolveu o sr. governador civil, constando que os apaniguados o informaram de que a primeira reunião, realisada na Associação Commercial, não passara de uma cavaqueira entre os socios.

Ora não se pôde admittir a coacção que se attribue ao sr. Leopoldo Machado. Para coacto basta sua magestade el-rei. Chega e cresce. Sua magestade é que não vê, é

que não ouve, é que não sabe nada, é que está coacto porque... ninguém o informa, ou porque... todos exercem sobre elle coacção. O sr. governador civil acceitou a informação errada porque... lhe convinha acceita-la. Não a acceitaria se... lhe não conviesse acceita-la.

Porque foi uma *cavaqueira* a primeira reunião dos socios da Associação Commercial? Porque, diz se, a reunião não podia ter valor legal desde que o convite não tinha sido assignado pelo presidente da assembleia geral, mas pelo presidente da direcção. Mas eis ahi uma illegalidade que deveria provar ao sr. governador civil, se é que os olhos do sr. governador civil lhe servem para vêr, mais que todas as legalidades. De facto, quem era o instigador do movimento para que as lojas se fechassem desde o meio dia de domingo até ao meio dia de segunda-feira? Era o presidente da direcção da Associação Commercial. Então, tudo se explica va á maravilha. O presidente da direcção da Associação Commercial é pouco intelligente. Mas, por isso mesmo, tem ronha. Sabia muito bem que não lhe competia a elle convocar a assembleia geral. Mas desconfiava de que a maioria dos associados era partidaria do domingo. Portanto, serviu-se d'este estratagem: «Convoco eu a reunião. Se a assembleia se pronuncia como eu quero, a reunião terá todo o valor legal. Se a assembleia não se pronuncia como eu quero, a reunião foi *graça*. Não passará de cavaqueira de socios.»

Isto salta á vista dos mais myopes. E isto prova mais que tudo. O sr. governador civil ficava sabendo perfeitamente qual era a vontade da industria e do commercio local.

Mas, mesmo que tal facto não existisse, e que não fosse tão eloquentemente significativo, como ousou o sr. governador civil decretar que o descanso semanal tivesse lugar, para todas as industrias e commercios locais, desde o meio dia de domingo até ao meio dia de segunda-feira? Eram os mercieiros que pediam? Pois então que fosse o descanso determinado só para os mercieiros, como a lei expressamente determina. Mas eram, sequer, mercieiros os signatarios? Eram mercieiros todos elles? Eram só mercieiros? Tudo isto devia ser examinado e ponderado com todo o rigor, como a lei determina categoricamente, e nada d'isso fez o sr. Leopoldo Machado. Sua ex.^a, com pesar o dizemos, só teve em vista fazer a vontade a dois ou tres influentes partidarios.

Que o encerramento das lojas durante todo o dia de domingo seria desastroso para Aveiro, por causa do mercado de Estarreja, de Ilhavo e de Oliveira de Bairro. E' o argumento empregado pelos tristes homens que se não pejam de contrariar uma alta aspiração de justiça por meia duzia de patacos. Ora o mercado de Estarreja, sendo na sua maior parte de cereaes, ha de attrahir sempre as povoações da Angeja para lá, e mesmo os lavradores de Esgueira, Verdemilho, Villar e S. Bernardo, etc., que encontram melhor preço para o seu genero n'aquelle mercado. Sempre, quer estejam, quer não estejam, fechadas as lojas na cidade. Ao mercado de Oliveira de Bairro vão, e já iam antes dos judeus d'Aveiro nascerem, os hortelões de Villar, de Verdemilho e povoações proximas, vender hortaliça ás carradas, porque a vantagem do preço lhes compensa bem as passadas. E no mercado de Ilhavo nem vale a pena falar.

Não é isso. Os judeus não querem perder a ganhuça do domingo, ainda que essa ganhuça se cifre em meia duzia de vintens. E' claro que seria compensada com o excesso de venda em outros dias de semana. Mas quando acceitaram os judeus considerações d'esse quilate?

Desde que as lojas se não fecham no domingo de manhã é claro que o descanso semanal representa uma burla completa. Podia-se

dispôr do domingo, e dispuha se. Não ha maneira de dispôr da tarde de domingo e da manhã immediata. Para que serve o descanso na manhã de segunda-feira? Para nada. Nem para dormir. Porque são tão poucas as diversões em Aveiro que nem ha maneira de perder uma noite. E quem não perde a noite a divertir-se, não precisa da manhã de segunda-feira para dormir. Já dormiu de mais. As lojas fechadas na segunda-feira de manhã só servem para embarçar as classes, que tendo tido o domingo de folga, começam na segunda-feira logo de manhã o seu trabalho.

E posto isto, eis a representação a que nos referimos.

III.º e Ex.º Sr.

Os abaixo assignados vêem perante V. Ex.^a, nos termos do paragrapho 5.º do artigo 4.º do Decreto com força de lei de 7 de Agosto, que regulou o descanso semanal, recorrer da decisão do ex.º sr. governador civil do districto de Aveiro, que, fundado no paragrapho 3.º do já citado artigo, determinou que o descanso semanal tivesse lugar desde o meio dia de domingo até ao meio dia de segunda-feira immediata.

Esta decisão, ex.º sr. senhor, é, sem a menor duvida, contraria á lei. E' certo que pelo paragrapho 3.º do mencionado artigo o governador civil do districto pôde ou fixar para descanso semanal um outro dia que não seja o domingo, ou marcar esse descanso desde o meio dia ou uma hora da tarde de domingo até ao meio dia ou uma hora da tarde de segunda-feira. Mas é uma decisão arbitraria? Depende tão importante resolução do puro arbitrio do governador civil? De modo algum. O governador civil só pôde tomar essa resolução sobre resolução identica das associações commerciaes, industriaes ou de classe, **ou com respeito a determinada industria ou commercio**, e mesmo n'este caso depois de ouvir a camara municipal e as associações de classe.

E' esta a letra, é este o espirito manifesto da lei. Mas como se não bastasse, e certamente porque V. Ex.^a sabe de quanto é capaz a chicana da rotina ou dos interesses parciais ou illicitos, veio V. Ex.^a, n'uma circular posterior, esclarecer, ampliar, confirmar o que, aliás, já era clarissimo na lei.

«A estas corporações, associações commerciaes, industriaes e de classe, **incumbe** o numero 1.º do paragrapho 1.º do artigo 4.º do citado Decreto, **a escolha do dia** em que nas povoações, ou em algumas d'ellas, dos seus concelhos, se deve cumprir o preceito do descanso semanal, **quando haja manifesto prejuizo publico** em se destinar para este fim o domingo; e por isso **importa que V. Ex.^a lhes faça vêr que, sendo excepcional esta disposição, é indispensavel que se justificadamente a applique**, com prévia audiencia das entidades designadas pelo citado numero, ponderada apreciação das suas respostas e prudente arbitrio na referida escolha.»

Ora o que succedeu no concelho de Aveiro? Succedeu que a grande maioria dos membros do commercio e industria local, reunidos nas salas da Associação Commercial, resolveu que **não havia nenhum prejuizo para o publico** em manter a lei, e, então, que lei fosse mantida, sendo o domingo o dia do descanso semanal. E succedeu que o sr. governador civil, agarrando se á facultade que lhe dá, **só para determinada industria ou commercio**, o paragrapho 3.º do artigo 4.º, alterou a lei, **não só para determinada industria ou commercio**, mas para todo o commercio. Isto é, fez precisamente o contrario do que a lei lhe impõe e do que V. Ex.^a, na sua circular, muito expressamente lhe recommendou.

V. Ex.^a disse-lhe: «E' ás corporações locais que incumbe escolher o dia do descanso, quando esse descanso não possa ter lugar no domingo.» Em Aveiro foi o sr. governador civil quem o escolheu.

V. Ex.^a disse-lhe: «Quando as corporações locais escolham outro dia que não seja o domingo, lembre-lhes que sendo esse facto uma excepção o governador civil só pôde acceitar a excepção depois d'uma formal justificação de motivos.» Em Aveiro as corporações locais reunidas nas salas da Associação Commercial e Industrial de Aveiro dizem: «Não queremos excepção, não ha motivo para excepção», e é o senhor governador civil quem invoca a excepção e arranja motivo para excepção! fundado-se n'uma representação que lhe foi apresentada, unico documento official com pequeno numero de assignaturas, e essas mesmas, senão todas, quasi todas, obtidas por favor e desprezando por completo o que extra-officialmente lhe foi communicado, que em grande reunião de commercio e industria local se tinha escolhido para descanso o domingo.

D'este facto teve S. Ex.^a pleno conhecimento, pois, em telegramma especial, o communicou a todas as camaras do districto de Aveiro.

Podemos nós, sr. ministro do reino, acceitar atropelo tão flagrante? Pôde V. Ex.^a, por ventura, confirmá-lo? Em tudo o sr. governador civil se colloca fóra da lei. Mesmo que se tratasse de *determinada industria ou commercio*, e só nesse caso elle tem poderes especiaes, lá lhe diz V. Ex.^a na circular, e muito bem, que tome conta, *porque de maior importancia e melindre é ahi a sua resolução* e que não proceda **por mera conveniencia de uma parte ou apenas de alguns dos interessados**.

Ora o que nós podemos garantir a V. Ex.^a, o que garantimos, é que mesmo tratando-se de determinada industria ou commercio local, o sr. governador civil só poderia tomar medidas da excepção para satisfazer as conveniencias **d'alguns dos interessados**. Isto, repetimos, mesmo que se tratasse de *determinada industria*. Tendo sido a resolução do sr. governador civil extensiva a todo o commercio local, com voto contrario dos interessados, não faltamos á verdade e nem sequer exaggeramos, afirmando que o sr. governador civil do districto poz completamente de parte o Decreto que regula o descanso semanal.

Por isso pedimos a V. Ex.^a, simplesmente, o cumprimento da lei.

Não vinguem os interesses de meia duzia acima dos interesses geraes. Foram os proprios commerciantes que, por grande maioria, entenderam em Aveiro que não havia prejuizo nenhum para o publico em ser o domingo o dia de descanso semanal. Se houvesse prejuizo era para elles. Não era para o publico; pois este não só não fez reclamações á primeira resolução dos commerciantes reunidos, mas até apoiou e applaudiu com entusiasmo a referida resolução: como hoje clama é protesta, na sua grande maioria, contra a resolução do sr. governador civil, determinando que o descanso seja metade no domingo e metade na segunda-feira. E' com embargo que na segunda-feira, as classes trabalhadoras que tem o seu dia de descanso ao domingo, querem dar principio aos seus labores e encontram difficuldades em obter o que precisam por se acharem encerrados ainda os estabelecimentos commerciaes. Vir depois d'isto o sr. governador civil ser mais *papista* que o papa, ainda por cima offendendo a lei, até no sophisma que representa o descanso desde o meio dia do domingo até ao meio dia de segunda-feira, o que representa nem mais nem menos, do que falta de descanso ao domingo e falta de descanso á segunda-feira, ou, pelo menos, o simples aproveitamento da tarde de domingo, pois que a manhã de segunda-feira fica perdida, evidentemente, para o caixeiro; é, sr. ministro do reino, provar de mais e provar de mais é quasi sempre provar o contrario do que manda a boa razão e a boa justiça.

Digne-se V. Ex.^a fazer justiça. Não pedem mais os signatarios.

Aveiro, 2 de Setembro de 1907.

OS COMMERCIAES,
Joaquim Ferreira Felix

- Bernardo de Souza Torres
- José Marques d'Almeida
- Antonio Marques d'Almeida
- Pompeu da Costa Pereira
- Anthero d'Almeida
- José da Costa Monteiro
- Victorino José de Magalhães Vasconcellos
- Pompeio Simões Souto Ratolla
- Ricardo Costa
- Antonio Ernesto Souto Ratolla
- Manuel Fernandes Lopes
- Maria Augusta de Moura Ribeiro
- Maria José Violante
- Por minha mãe—Maria Clara dos Santos—Henrique dos Santos Ratto
- Domingos Luiz Valente d'Almeida
- João Cardoso da Silva Araujo
- Firmino Simões da Silva
- José dos Santos Alexandre
- Manuel dos Santos Alexandre
- Francisco d'Oliveira & Silva
- Por Joanna Rosa Celestina—José Pereira d'Oliveira Silva
- Germano da Costa
- Por José d'Almeida—Rosa Tavares
- Manuel da Cunha Gil
- Albino Pinto de Miranda
- Albano da Costa Pereira
- Francisco de Mattos Queiroz
- Por Joanna Benedicta—Alfredo Corrêa
- Nefialy dos R. S. Thyrso
- João Maria dos Santos
- Maria José Lameiras
- Por Rosa de Jesus Lameiras—Maria José Lameiras
- Maria Beilica
- Manuel Evaristo d'Albuquerque
- José Augusto Rebello
- Joanna da Piedade
- Visconde da Silva Mello, Succ.º
- João Francisco Chrisostomo
- Joaquina Amelia Abrantes
- Carlos da Silva Mello & Irmãos
- Mello Guimarães & Irmãos
- Carlos de Mello & Salgueiro
- João Agostinho Mathias de Pinho
- Por Maria Ritta da Silva Carmo—Manuel Torres
- José Estacio Mathias do Pinho
- João de Souza Marques
- Francisco Pinto d'Almeida
- Antonio Manuel da Silva
- Laura Emilia Augusta
- Por Anna Nogueira de Jesus—Manuel Bastos
- Julio Monteiro da Silva Junior
- José Antonio Marques
- Manuel da Silva Côrdo
- Antonio dos R. S. Thyrso
- Maria dos Santos Diniz
- João Gonçalves Andias Junior
- Alberto João Rosa
- Antonio da Silva Côrdo
- Manuel Barreiros de Macedo
- Thomé Valente Banca
- Manuel Homem de Carvalho Christo
- Por Maria Engracia de Jesus—Luiz dos Santos Vaz
- Antonio Teixeira
- Abel Ferreira da Encarnação
- Eduardo Augusto Ferreira Osorio
- Angelo da Rosa Lima
- Joaquim Rodrigues Faria
- José Gonçalves Gamellas
- Basilio de Miranda Rocha
- José de Pinho das Neves
- Antonio de Pinho Nascimento
- José Martinho d'Oliveira.

OS EMPREGADOS COMMERCIAES

- Henrique dos Santos Ratto
- José da Silva Ramos
- João Vieira da Cunha
- Frederico Bernardes Trajano
- Luiz de Mattos da Cunha
- Luiz dos Santos Vaz
- Manuel Martins de Bastos
- José Ferreira dos Santos
- Manuel Baptista Torres
- Antonio P. Osorio
- Antonio d'Oliveira Carvalho
- João Mendes Maia
- Aurelio da Costa Oliveira
- Baptista dos Santos
- Luiz Cypriano de Mello Guimarães
- Joaquim Fernandes Martins
- Augusto de Vecrook
- Mano Leitão
- Carlos da Rocha
- Ricardo Mello
- Mario Pereira da Silva
- Rufino Regalla
- Domingos Martins Villaza
- Antonio Justino Ferreira da Rocha
- Joaquim Gonçalves Guerra
- Augusto da Costa e Silva
- José Rodrigues dos Santos
- Henriqueta Nunes da Costa
- Antonio José Marques
- Maria Gloria R. Santos
- Accacio Marinho Larangeira
- Augusto Couceiro
- Laurinda Augusta da Costa
- Antonio da Graça Rocha
- Manuel da Rocha Junior
- Berardo Vieira de Jesus
- Albino Duarte Gil
- Lauriano Ramires Fernandes
- Manuel Couceiro
- João da Silva
- Domingos Gaspar Roballo
- Benjamin Luiz Pinheiro
- Antonio Manuel Fernandes.

OFFERTA

Consta-nos que a commissão promotora da garrainada do Recreio Artistico, vaе offerecer aquella Sociedade um grande espelho, emoldorado em alto relev em pau preto, para fazer *pendant* ao já ali existente, obra lindissima, de tanto de valor.

E' uma offerta valiosa que muito deve penhorar a direcção d'aquella importante associação.

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Lettura—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande 55000
- Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.⁸ ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Método
- A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA
- Campo de Flores—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 13 15—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE
Antonio da Costa Junior

Fabrieante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agria e macia, e contraria ás saínlhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejus de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-há á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na
Officina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas. Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

Especialidade em cartões de visita

POVO DE AVEIRO

—DO—
TYPOGRAPHIA

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

—E—

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 beas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.